



Entrevista com Maria José Bocorny Finatto sobre Terminologia, Humanidades Digitais e Acessibilidade Textual e Terminológica

Interview with Maria José B. Finatto on Terminology, the Digital Humanities and Textual and Terminological Accessibility

Márcio Issamu YAMAMOTO*^{ID}
Maria José Bocorny FINATTO**^{ID}

Entrevista recebida em: 01.02.2024

Entrevista aprovada em: 22.02.2024

Apresentação

Maria José Bocorny Finatto é professora titular do Setor de Linguística, Filologia e Teoria Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Embora aposentada por tempo de serviço, segue com o status de colaboradora ativa, na UFRGS, com contrato de trabalho vigente até 2027. Desempenhou funções na Comissão Brasileira de Terminologias Técnico-científicas junto ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e na Comissão Científica e Estratégica das Ciências do Léxico da ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística. Bolsista Produtividade-Pesquisa (PQ) do CNPq desde 2007, Maria José recebeu em 2019 o prêmio do *Latin America Research Awards* (LARA), uma iniciativa da empresa Google, por sua proposta "Ferramenta MedSimples", um recurso *on-line* para ajudar a simplificar textos sobre temas de Saúde para pessoas de escolaridade limitada e poucas experiências de leitura. Realizou um primeiro pós-doutorado, em 2011, em Linguística Computacional, junto ao NILC-ICMC-USP, em São Paulo, sobre o tema da

* Doutor em Estudos Linguísticos pelo PPGEL/UFU. Professor adjunto de Língua Inglesa na Universidade Federal de Jataí. marcioiy@ufj.edu.br

** Doutora em Letras/Estudos da Linguagem pela UFRGS. Docente do PPG-Letras-UFRGS, pesquisadora PQ do CNPq. maria.finatto@gmail.com

simplificação de textos especializados e do português popular escrito. Concluiu também dois pós-doutorados na Universidade de Évora, Portugal, em 2017 e entre 2023-24, o primeiro com bolsa Sênior CAPES e o segundo com bolsa PDE-CNPq. Ambos focados em estudos de terminologia histórica/diacrônica, Humanidades Digitais, dicionários e hiperdicionários históricos, tratando especialmente de manuais médicos do século 18 impressos em português.

Nesta entrevista, realizada em 2023, são explorados diversos temas, como Filologia, carreira acadêmica em Letras, Terminologia e Acessibilidade Textual e Terminológica. Ao longo do diálogo, são discutidos tópicos como a evolução da Terminologia, o impacto da Linguística de *Corpus* e as atuais perspectivas nas Humanidades Digitais. A abordagem da professora Finatto em relação à Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT) é destacada, ressaltando os desafios e contribuições para a promoção de práticas comunicativas inclusivas.

Entrevista

Márcio Issamu Yamamoto: A Terminologia é uma subárea da Linguística que se encontra em franco crescimento, principalmente com o advento da Linguística de Corpus (LC). Como a professora vê a Terminologia ontem, hoje e quais perspectivas a professora vê para ela no futuro? Qual foi a razão que fez a professora se especializar nesta área?

Maria José Bocorny Finatto: A Terminologia, dito de modo muito simples, se ocupa dos processos e práticas – textuais e discursivas - que envolvem a comunicação técnico-científica. Essas práticas, a gente estuda, descreve e repertoria especialmente em registros escritos, mas há também a parte da oralidade, bem menos explorada.

O apoio computacional ao nosso estudo com esses textos escritos de temáticas especializadas foi um divisor de águas, pois pudemos lidar com muito mais textos, em menos tempo. Lembro quando eu e a minha colega querida, a profa. Anna Maria

Becker Maciel, coletávamos as terminologias do Direito Ambiental em páginas impressas de Leis no Diário Oficial. A gente usava o jornal, comprado ou pegado emprestado no centro da cidade, tirava xerox dele para não estragar, guardava as cópias com cuidado, e montava fichas terminológicas em papel com os dados manuscritos.

Um dia, quando já tínhamos um computador na faculdade, e na sala do TERMISUL havia um outro, passamos a usar as tecnologias da Linguística de *Corpus* (LC), e os textos das leis ambientais passaram a estar em formato de arquivo processável. Depois, quando ficamos espertas naquilo “do computador” e da LC, graças ao querido prof. Tony Berber Sardinha, resolvemos fazer um *site* com nossos materiais do grupo de pesquisa do TERMISUL e daí ninguém nos segurou mais! Em seguida, junto com a Linguística de *Corpus*, conhecemos a Linguística Computacional e o Processamento da Linguagem Natural (PLN), especialmente o feito no Brasil, no ICMC, pelo NILC¹ de São Carlos - SP. E foi mais um grande passo adiante. Afinal, a perspectiva computacional do PLN era bem diferente daquela empregada na LC e aprendemos muito com ela. Conhecemos pessoas que lidavam com língua e linguagem e que eram “somente” da Ciência da Computação e da Matemática.

Hoje não existe trabalho linguístico com léxico e linguagem sem algum apoio do PLN e da LC. Nosso livro do grupo chamado Brasileiras em PLN², publicado em 2023 e já com segunda edição para 2024, atesta isso. Falarei desse grupo ainda, mais adiante. Faço parte desse grupo de mulheres cientistas da Computação sendo uma linguista, com muito orgulho.

Vale lembrar sempre que, em Terminologia e Lexicografia, o suporte informatizado nos deu mais tempo para pensar e fazer coisas muito mais produtivas do que uma série de tarefas braçais e repetitivas, como contar palavras e expressões

¹ Disponível em: <https://sites.google.com/view/nilc-usp>

² Disponível em: <https://brasileiraspln.com/livro-pln>

que se repetem em um texto. Mas, mesmo com esse apoio, sempre há a tarefa manual, pois nada, nunca suplantará a nossa leitura e análise crítica atenta dos materiais de linguagem com que lidamos. Em meio ao tratamento computacional automatizado, feito hoje em larga escala, o suporte linguístico, especialmente para a Semântica, segue indispensável.

Por fim, o que me levou à especialização nessa área da Terminologia foi a interface profunda com a Tradução, a tradução que conhecemos como “tradução técnica”. Sou uma ex-tradutora de manuais e de coisas bem técnicas e uma professora que sempre atuou em um curso universitário que forma tradutores e profissionais do texto na UFRGS. Esses profissionais lidam com diferentes tipos e gêneros de texto, mas têm bastante trabalho com esses tipos de textos, científicos e técnicos. Por isso, nosso curso tem disciplinas obrigatórias de Terminologia e sobre Léxico e Dicionários.

MIY: Em 2004, a professora escreveu o livro *Introdução à Terminologia* com a profa. Maria da Graça Krieger, hoje uma referência bibliográfica recorrente nos trabalhos acadêmicos no Brasil. Há alguns anos, a professora está trabalhando com a Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT). Diante da recepção e do impacto do trabalho e da pesquisa da professora e dos colegas que trabalham com o tema de acessibilidade textual e terminológica, em quanto tempo a professora acredita que este tema será uma realidade mais difundida e popularizada no Brasil?

MJBF: Começamos a sistematizar o tema da Terminologia e da Terminografia em 2004. E, em 2004, já tratávamos do componente textual e discursivo envolvido, como também dos fenômenos enunciativos na comunicação sobre ciências e técnicas, sempre em enfoques descritivos. Hoje em 2023, consigo olhar a estrada percorrida e pensar que a ideia de Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT) é um marco importante, plantado à beira da estrada. Entretanto, a ATT é ainda um conceito a refinar e sistematizar, junto com as perspectivas textuais e descritivas da Terminologia e dos ideários da Linguagem Simples e da Comunicação Inclusiva.

Cheguei a uma base inicial desse conceito de ATT em função do trabalho sobre complexidade textual de 2011, com as colegas Sandra Aluísio e Carolina Scarton, do NILC. Mais tarde, fui (re)elaborando o conceito com meus orientandos, alunos e colegas da UFRGS, especialmente a Bianca Pasqualini e a Aline Evers. E ficou muito claro que comunicar conhecimentos, saberes e informações de procedência técnica, tecnológica, científica e/ou cultural – pensando no perfil linguístico das Ciências Sociais e Humanas – exige formatos adequados e em canais também adequados, seja em português, seja em Libras ou em outra língua. Nessa esteira e cenários de dizeres e fazeres, tenho insistido em citar Paulo Freire (1921-1997), um dos maiores intelectuais do Brasil: precisamos aprender a falar COM as pessoas e não PARA as pessoas. E isso é muito mais importante do que discutir se isso é popularização ou vulgarização.

Quase VINTE anos depois do nosso livro de 2004, acho que a “coisa” da ATT, até agora, tem tido bons resultados, pelo menos no âmbito dos Estudos da Linguagem, da Linguística brasileira. Com a ATT, penso que conseguimos marcar um lugar também para a Terminologia e os Estudos do Léxico quando se menciona *acessibilidade*. Partimos, claro, das bases da Linguagem Simples (*Plain Language*), forjadas fora do Brasil e voltadas para o atendimento de trabalhadores imigrantes pouco proficientes em inglês. Como uma técnica de (re)escrita, é uma base importante, que sempre precisa ser vista em perspectiva e devidamente ponderada no cenário nacional, mas tentamos ir além dela, especialmente quando revisitamos os muitos estudos linguísticos sobre Leitura, Educação Popular e Letramento feitos no Brasil. A marca do nosso grupo na UFRGS, nessa linha, foi a de associar a ideia de uma simplificação de texto a algo muito próximo de uma tradução, a tradução intralinguística. Essa é uma outra discussão, claro, e há quem não concorde com essa aproximação.

Apesar do avanço e de espaços ocupados, sabemos que muitas pessoas, mesmo no meio mais especializado de Letras e Humanidades, ainda desconhecem a grande área da pesquisa associada aos estudos do Léxico e todas as nossas conexões com a Linguística Aplicada, com o Ensino, e muito mais. Desconhecem a pesquisa feita nas

universidades públicas. Poucos sabem que nos ocupamos, desde muito, da descrição das línguas e dos diferentes processos de dicionarização dos idiomas.

Naturalmente, esse meu trajeto, destacando aqui apenas o específico no tema da Terminologia, foi um esforço coletivo, de toda uma comunidade acadêmica que trabalha em todo o Brasil. Desde o nosso livro de 2004 até aqui, foi preciso investir em pesquisas, demonstrar suas aplicabilidades e impactos.

Foi preciso também investir na formação de recursos humanos. Nessa formação, estabelecemos uma perspectiva de estudos que, vale frisar, é DESCRITIVA, DIAGNÓSTICO-EXPLICATIVA e PROPOSITIVA. Naturalmente, usufruímos de toda uma base pré-existente, o que o nosso livro de Introdução à Terminologia, de 2004, quis evidenciar. E sempre quisemos marcar o patrimônio de ideias e de avanços metodológicos que o Grupo TERMISUL da UFRGS construiu. O TERMISUL começou em 1991 e sustenta desde sempre os passos da minha e das nossas jornadas.

Mas, ainda assim, a percepção das “Ciências do Léxico” – mesmo que você ou outros discordem do termo “ciências” para a nossa área de estudos em Linguística - ainda precisa avançar muito. E eu vejo isso, sobretudo, quando penso sobre a apresentação dos temas linguísticos do léxico e dos vocabulários em meio à formação de professores de línguas e de educadores em geral. As pessoas encontram problemas, questões e arvoram soluções, algumas excelentes, mas sem sequer buscar saber do estado da arte, se alguém já tratou daquele tema ou daquele problema que envolva algo dos usos da linguagem. Enfim, em geral, a tendência, infelizmente, é ignorar o que já fez em Linguística. Por exemplo, creio que se poderia fazer perguntas como essas: será que alguém já havia pesquisado alguma coisa sobre estatística de uso de vocabulários? Será que existe um Atlas Linguístico do Brasil? Como e de que modos se faz pesquisa com e sobre o léxico no Brasil?

Vejamos, ainda, um prosaico exemplo, ele é sobre questionamento comum das pessoas sobre nomes de ruas. Será que alguém já estudou por que motivos aquela rua, que hoje se chama, desde 1978, num exemplo fictício, Rua Leonor Roosevelt, mas antes

se chamava Rua da Mãe Jacinta? Será que alguém estuda por que motivos muita gente desse lugar, que eu inventei, ainda hoje, diz Rua da Mãe Jacinta, ignorando o novo nome? Aqui, nesse exemplo, estamos na esfera da Toponímia e na Onomástica, áreas nossas muito queridas dos estudos do Léxico e super multidisciplinares. E aí eu que pergunto: quem dá espaço para esses estudos hoje? Quem reconhece isso como um estudo linguístico cientificamente embasado? Quem leva esse tema para as salas de aula de Português ou de História nas escolas do nosso Ensino Fundamental ou Médio? Enfim, há todo um conhecimento envolvido, por exemplo, nos nomes das ruas e nomes dos lugares, na história e origem desses nomes e na sua mudança para outros em diferentes períodos. Aqui temos apenas um dos tantos tipos de estudos do léxico.

As Ciências do Léxico lidam com os vocabulários e os modos de dizer, lidam com as nossas palavras e conosco também. Bem sabemos, as palavras, afinal, nunca são “só” palavras. Palavras e dizeres, em seus diferentes formatos e suportes, perfazem discursos, valores, pontos de vista, histórias sociais e ainda marcam territórios de poder. Vocabulários e modos de dizer simbolizam conhecimentos e saberes, elementos que se escrevem e se inscrevem sócio-historicamente, elementos que se movem no espaço e no tempo. Enfim, as palavras constituem as pessoas. E esse estudo é feito de acordo com diferentes perspectivas: podemos pensar nas palavras dentro da mente-cérebro das pessoas e nas palavras que saem da nossa boca e entram em nossos ouvidos – e corações – ou nas palavras que lemos escritas em livros e em cartazes de rua ou em postagens de redes sociais.

Como já mencionei, em 2004, quando lançamos o nosso livro “Introdução à Terminologia: teoria & prática”, pela Editora Contexto, o foco era o de aproveitar o que já se estava sendo construído, em Terminologia, pelo Grupo Termisul (vale conhecer o *site*³ e ver os vídeos sobre a história do grupo). TERMISUL é nome abreviado do Projeto Terminológico do Cone Sul - na UFRGS, fundado em 1991, por

³ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/termisul/index.php>

Maria da Graça Krieger e Anna Maria Becker Maciel, no qual ingressei em 1993, como bolsista recém-mestre da FAPERGS, a fundação de amparo à pesquisa do RS. Mas, nos anos 80 e 90, na UFRGS, também muito já tinha sido feito na área da Lexicografia, da Lexicologia, da Dialetologia e da Filologia.

Em 1993, eu já tinha um percurso de estudos sobre a história dos dicionários gerais de língua no Brasil e sobre como os dicionaristas descreviam e definiam as coisas que os circundavam à medida que o tempo passava. No meu trabalho de mestrado, já sendo uma mãe de dois filhos pequenos, que conciliava estudo e trabalho, tentei fazer uma linha de tempo com obras e modos de dicionarizar a língua portuguesa desde o século 17. Um pouco de minhas experiências com a Lexicografia e com as reflexões sobre a produção de dicionários, eu tentei aproveitar para a gente pensar em dicionários para pessoas que aprendiam português como língua estrangeira. Essa fase dos meus estudos está registrada em uma entrevista, parcialmente reproduzida, em 2022, que dei para a revista REPLI - Revista de Estudos de Português Língua Internacional, da UERJ, com o prof. Flávio Barbosa⁴.

Para quem tiver curiosidade de conhecer os trabalhos mencionados naquela entrevista, pois alguma vezes o *site* da REPLI enfrenta problemas, vale dar uma olhada no nosso *site* do Projeto PorLexBras, que segue funcionando. Chamamos de PorLexBras para abreviar “Português e Léxico Brasileiros”⁵. Ali colocamos resultados de pesquisas sobre a caracterização do léxico e da feição da linguagem a partir de textos direcionados para leitores e estudantes de português. E, naquela época, desenhamos protótipos de dicionários para estrangeiros baseados nos nossos *corpora* de jornais populares. Um dicionário colaborativo e um dicionário de formato mais usual⁶. Esses trabalhos, apresentamos nos eventos do nosso GTLEX da ANPOLL.

⁴ Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/repli/article/view/69492>

⁵ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras>

⁶ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/dicionarioportuguesle>

Mas vamos voltar aos temas da Terminologia e da Terminografia e à dicionarização das linguagens que veiculam conhecimentos técnicos e científicos e informações de Utilidade Pública. Quando planejamos o nosso livro de Introdução à Terminologia de 2004 e buscamos os apoios para poder concretizá-lo, pensamos que uma área que se colocava no cenário acadêmico, como “nova”, caso da nossa Terminologia descritiva, de perspectiva linguística, precisaria contar com um embasamento, algo como a gente via com “manuais” básicos. Era preciso um resumo teórico da área da Terminologia e da Terminografia e de suas atividades. A gente precisava de uma obra de fácil acesso para estimular os interessados, principalmente os estudantes e professores da área de Letras, nas suas pesquisas e áreas de trabalho. Mas também era preciso trazer algo que oferecesse um panorama abrangente e bem-feito de estudos nacionais e internacionais, com o estado da arte.

Assim, além da parte teórica, construímos uma parte aplicada, com elementos bem pontuais, informações de estudos em passo-a-passos e indicamos leituras para quem quisesse ir além. O desafio desse nosso livro-marco é algo que a profa. Maria da Graça Krieger, minha eterna orientadora, aceitou cumprir comigo, tanto que encabeçou a proposta da publicação em diferentes instâncias, pelo que sou eternamente grata. Naquele mesmo ano de 2004, com o nosso “manual” de Terminologia, tivemos também o “Curso Básico de Terminologia”, da colega profa. Lídia Almeida Barros, na UNESP. Esse trabalho da profa. Lídia somou muito e só ajudou a reforçar e a legitimar a inserção dos estudos de Terminologia no Brasil.

O trajeto de demonstrar a validade de algo emergente, que era Terminologia teórica e aplicada, através de um livro básico, em 2004, foi o mesmo que ajudei a cumprir com o “Dicionário de Linguística da Enunciação”, publicado em 2009. Esse dicionário foi fruto de um projeto encabeçado pelo meu amigo prof. Valdir Flores da UFRGS e mais muitos colegas, também publicado pela Editora Contexto. Fui a terminóloga responsável desse projeto enorme em torno dos temas da Linguística da Enunciação. Nesse dicionário de Linguística, que funciona também como um “manual

básico”, a proposta foi mostrar um panorama de autores, termos, ideias e conceitos distribuídos ao longo dos estudos enunciativos estrangeiros e nacionais. Esse dicionário terminológico, construído com base em um *corpus* documental, integrou mais de 40 pessoas e serviu para ajudar a delimitar aquela uma Linguística “nova” e levá-la aos estudantes de Letras/Linguística. Mostrava-se uma Linguística hoje bastante associada à figura de Émile Benveniste, em meio a diferentes estudos do Texto e do Discurso desenvolvidos no Brasil e no mundo. Esse dicionário, e tudo que foi construído em torno dele, ajudou a expandir e sistematizar para todos, em português, esses tipos de estudos e perspectivas, e também mostrou que as terminologias da Linguística compunham territórios ricos e instigantes para diferentes estudiosos das Humanidades em geral. Foi um belo caminho.

Mais tarde, em 2010 e 2011, quando eu e meus alunos e colegas pensamos no conceito de Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT) e nos demos conta que o conceito apontava para algo além das técnicas da Linguagem Simples (conhecida como *Plain Language*), como já mencionei, chegamos aos temas da complexidade e da simplificação de conteúdos técnico-científicos escritos para diferentes perfis de pessoas. A minha base principal veio da observação do funcionamento da linguagem da Química, que era algo sempre complexo, mesmo no cenário da formação de professores de Ciências e de Química para Educação Básica. Mas a grande virada foi levar os padrões de vocabulário e de sintaxe dos jornais populares brasileiros para o cenário da facilitação de conteúdos científicos e técnicos para pessoas adultas com Escolaridade limitada e com poucas experiências de leitura. Nesse caminho, criamos o Projeto PorPopular – dedicado aos jornais populares do Brasil - à imagem e semelhança do Projeto PorSimples, da profa. Sandra Aluísio do NILC da USP de São Carlos. O *corpus* do Projeto PorPopular, felizmente, ainda segue disponível nos nossos

sites na UFRGS⁷. Vale mencionar que há todo um suporte técnico para fazer com que esses *sites* e suas ferramentas de busca funcionem.

Tendo construído alguma base sobre o que a ATT poderia significar, especialmente no âmbito da Linguística Aplicada e Estudos do Léxico, pensamos (de novo!) que que um livro ou manual básico sobre o tema da ATT seria também algo muito importante. Assim, eu e a Liana Braga Paraguassu, que fez mestrado sobre o tema e segue no seu doutorado também com a ATT em temas de Saúde, enfrentamos o desafio de trazer diferentes colegas para discutir questões associadas aos temas das acessibilidades e simplificação de conteúdos complexos. Assim, fomos em direção às práticas da Linguagem Simples, da Linguagem Inclusiva, Linguagem Cidadã e Comunicação para Todos, em diferentes cenários, abrangendo Letramento em Saúde, Libras e Design Inclusivo.

Esse livro, que quer apresentar um tema “novo”, serve para situar a trajetória das iniciativas da Linguagem Simples no cenário estado-unidense e visa também mostrar um pouco das propostas de Acessibilidade e políticas de Acesso à Informação, sem esquecer dos desafios do Letramento, da Comunicação e da Educação em Saúde. Para esse livro, voltado sobretudo para mostrar faces do tema da ATT para professores de escolas públicas do Brasil, convidamos diferentes pessoas para pensarem junto com a gente. Nele, trazemos as questões da inclusão e do acesso aos conhecimentos e saberes via textos em prol da Cidadania. Daí, ao juntar várias pessoas, trazemos quem lida com Comunicação Alternativa e audiodescrição, como o meu colega Eduardo Cardoso do maravilhoso Grupo ComAcesso da UFRGS⁸. Com ajuda de várias pessoas, conseguimos vencer as etapas para publicar o nosso livro específico sobre ATT. Ele foi lançado pela EDUFU⁹, com o foco de também dar ideias de atividades para os professores que estão em sala aula, atuando em diferentes matérias e disciplinas. Por

⁷ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular>

⁸ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/comacesso/sobre>

⁹ Disponível em: <http://doi.org/10.14393/EDUFU/978-65-5824-019-8>

isso, nosso livro, que tem acesso grátis, em cada capítulo, tem sugestões de atividades de aula com os temas tratados, com materiais prontos para uso de professores.

Quando você perguntou, lá no começo da entrevista: em quanto tempo eu acredito que este tema da ATT será uma realidade mais difundida e popularizada no Brasil – eu respondo agora: acho que já é e já se coloca como tema bem difundido, sobretudo por conta das Políticas Estaduais de Linguagem Simples, de acessibilidade e inclusão. Essas políticas, cujos pontos formais de nascimento são os anos de 2010 e o direito à informação governamental em linguagem compreensível, têm incidido em pautas de veículos de imprensa, têm repercutido em canais de trazem informações sobre Direito e Saúde. Cada vez mais, foi ficando evidente que as pessoas precisam da informação sobre temas de Saúde, por exemplo, em uma linguagem em formato simples, com os termos técnicos explicados de um jeito compreensível.

Desde 2020-21, temos duas grandes redes dedicadas a essas acessibilidades, a Rede Linguagem Simples Brasil¹⁰, centrada na qualidade da comunicação de órgãos públicos com o cidadão, e a Rede Brasileira de Letramento em Saúde, a REBRALS¹¹, centrada na comunicação acessível sobre temas de Saúde. Fora isso, vários órgãos públicos têm promovido a Linguagem Simples na área do Direito, caso do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul - TJ-RS¹². Essas iniciativas mostram que o tema da Linguagem Simples e da ATT são parte de uma pauta atual, encabeçada pelo tema da Linguagem Simples, embora o diálogo com os linguistas que lidam com isso ainda precise de algum incremento. Esse Guia de Linguagem Simples do TJ-RS cita o nosso trabalho e o nosso *corpus* de referência do Português Popular Escrito – o CorPop, que começamos na época do PorLexBras. O CorPop serve como uma base, um ponto de partida, para aquilo que seria mais ou menos simples em termos de vocabulário.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/@redelinguagensimplesbrasil9208/featured>

¹¹ Disponível em: <https://rebrals.com.br/rebrals>

¹² Disponível em: <https://www.tjrs.jus.br/static/2022/07/Guia-de-Linguagem-Simples-TJRS.pdf>

Para encerrar esta primeira questão que você colocou, quero ainda dizer umas coisas mais pessoais. Hoje em 2023, eu completo 60 anos e, felizmente, tenho um bom caminho percorrido para olhar e (re)pensar. Vejo que foi um caminho bacana, pois nunca deixei de querer marcar a estrada que fui percorrendo. As marcas no caminho servem para a gente não se perder, caso precise voltar e recomeçar. Essas marcas serviram para eu mesma entender os trajetos de conhecimento que ia percebendo e para tentar ajudar outras pessoas a me acompanhar nas jornadas. Muitas vezes, eu só ia em frente, sem saber direito o que ia acontecer na próxima curva, no próximo buraco. Mas eu sempre acreditei no caminhar, sempre soube que sozinha não teria como fazer nada, de modo que era preciso conquistar outras pessoas para as reflexões e lutas que eu ia entendendo serem válidas. Precisava de parcerias e até de cumplicidades para concretizar os impactos sociais que as nossas pesquisas em Linguística e Estudos do Léxico e Terminologia tinham que produzir. Diferente da história de João e Maria, procurei marcar não um, mas vários caminhos possíveis, e sempre cuidei de usar marcas ou sementes que ficassem, que resistissem, mesmo sob ventos e chuvas. Essas marcas tentei concretizar com algo que não fosse perecível, especialmente com produtos que iam ficando disponíveis *on-line*, do já citado PorLexBras até a Ferramenta MedSimples¹³, mas também com publicações e com a formação de recursos humanos – da iniciação científica ao pós-doutorado – preferentemente juntando as pessoas com formações e conhecimentos diferentes dos meus.

Hoje eu sigo os caminhos da pesquisa acadêmica com uma outra “velha novidade”, a Terminologia Diacrônica ou Sócio-histórica, junto das Humanidades Digitais, sempre em estudos com algum apoio computacional. Enfim, a história dos conhecimentos e dos saberes, bem como a história da sua veiculação em português, via escrita, têm me movimentado na estrada, em novos atalhos e veredas. Tenho

¹³ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/page/cartilha>

estado à volta dos temas do que eu vejo como um futuro hiperdicionário da “Epidemiologia Histórica Luso-Brasileira”. Mas esse é um outro capítulo, em construção, e que tem a ver com a história da ATT escrita em português, desde o século 18. Mantendo a conexão com a LC e o PLN, estamos também construindo *corpora on-line* com os textos médicos antigos com que estamos lidando¹⁴.

MIY: A professora tem formação na área de Filologia, atuou e atua na área de Terminologia e coordenou vários projetos interdisciplinares, principalmente nas áreas de Medicina e Terminologia. Estas pesquisas abrangeram os aspectos sincrônico e diacrônico da língua. Como a professora enxerga o impacto positivo da tecnologia na área de Humanas, mais especificamente o avanço devido às contribuições da Linguística de Corpus, da Linguística Computacional e do PLN nos estudos linguísticos?

MJBF: Eu já fui professora de Filologia Germânica e de Filologia Geral. Isso foi lá nos anos 90. Já dei aula de Fonologia, Morfologia e Sintaxe em Cursos de Licenciatura em Letras e de Produção Textual na Ciência da Computação e no Jornalismo. Tenho um leque variado de experiências de ensino e de estudos, pois meu mestrado foi em Língua Portuguesa na UFRGS, algo que ia da sílaba ao texto. E eu já tinha uma formação em língua alemã, o que me habilitou para o ensino e também para o exercício da tradução. Ousei na tradução de alguns contos de Kafka (e bota ousadia nisso!) – mas, como um trabalho melhor remunerado, fiquei um bom tempo na tradução de coisas “técnicas”, como os manuais de máquinas de costura industriais. E aí eu conheci e vivenciei as terminologias e a experiência de fazer um texto que, quando pronto, seria lido e “operado” por um trabalhador em uma indústria de calçados!

Naquela época, os donos das fábricas do RS importavam as máquinas, e os manuais e guias vinham em alemão e era preciso traduzir tudo para o português! Por

¹⁴ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/textecc/terminologia>

sorte, minha avó sempre trabalhou como costureira de vestuário, “costurava para fora”, muito, mas não com aquelas máquinas industriais. O que aprendi com ela me ajudou naquelas traduções. Essa avó, uma pessoa super sábia que estudou somente até o terceiro ano do primário, sabia tanto operar e quanto até consertar uma máquina de costura. Aquele conhecimento eu pude expandir para as máquinas industriais para couro. Fora isso, minha mãe também sempre fazia e costurava as nossas roupas em casa e sempre ensinava como tudo aquilo era feito e também os “termos técnicos” da costura e do corte dos tecidos. Imagine que ela cuidava de vários filhos que sempre precisavam de roupas para vestir. Então, eu, sendo a filha mais velha, aprendi o básico dos funcionamentos do corte, da costura, dos tipos de tecido, moldes e reciclagem de peças – que eram ajustadas e consertadas - e também “da engenharia” daquelas máquinas.

Nesses trajetos, me sinto como um produto do enquadramento pelo mundo do trabalho. Fui sendo moldada pelas heranças dos saberes e dos conhecimentos e pelas linguagens que fui vivenciando e resgatando em torno deles. Fui submetida a um enquadramento “histórico”, como pessoa trabalhadora e cidadã. Assim, eu penso que é importante considerar as histórias das coisas e das pessoas, sempre.

Não podemos esquecer que língua de hoje é também produto da língua e das pessoas do nosso passado. Esse é um saber que não podemos desprezar. Conseguir ler e interpretar um texto médico antigo, escrito em português, no século 18, não é uma tarefa fácil. E eu tenho tentado entender o processo sócio-histórico da ideia de acessibilidade da informação que se apresentava, ao longo dos séculos, tanto como técnica quanto científica, via escrita.

Como mencionei antes, atualmente estou trabalhando com acervos provenientes de livros médicos antigos, digitalizados, tratados como *corpora* especializados. Faço isso no âmbito de uma nova transdisciplina que chamamos de Humanidades Digitais. Os textos e livros dessas áreas médicas – e aqueles que têm temas da Saúde em geral - sempre me fascinaram. Meu avô paterno era dentista, o

outro avô, marido da costureira, era enfermeiro psiquiátrico. A mãe do avô enfermeiro, com quem convivi um pouco, era Enfermeira Obstétrica, formada em faculdade. Foi estudar e trabalhar depois de já ter filhos grandes e depois de, naquela época, ter se tornado uma mulher “largada pelo marido”. Se essa bisavó fosse viva, hoje teria uns 135 anos. Eu a tenho como uma referência de bravura e de luta feminista. O enfermeiro, meu avô querido, morreu aos 99 anos de idade, este ano, em setembro de 2023. Então, desde muito cedo, eu “espiava” os trabalhos deles ouvia atenta as suas falas e as suas aprendizagens com diferentes pessoas. E os livros ou manuais sobre o que eles faziam ficavam nas partes mais altas das estantes! Sempre fui encantada por livros e por qualquer coisa escrita: revistas, jornais, bulas, folhetos de propaganda, textos de receitas culinárias, manuais de máquinas...

Hoje, pensando nos muitos acervos de livros disponíveis *on-line*, nas bibliotecas virtuais de acesso gratuito, avalio que tenho todas as prateleiras e estantes bem perto da mão e dos olhos. Vejo que Humanidades Digitais¹⁵ nos ensinam que a herança histórica digitalizada, sobretudo aquela herança e os patrimônios sob a forma de textos escritos, oferece um banquete para mil talheres. As bibliotecas digitais são, para mim, um mundo maravilhoso. As Humanidades Digitais desenham um território transdisciplinar no qual as tecnologias do processamento da linguagem revitalizaram a Filologia, a análise de conteúdos apoiada na análise linguística. Com grandes acervos *on-line*, a Linguística Histórica vai olhando para um novo formato de insumo sobre os usos da língua, da mudança à variação.

Hoje, o desafio de enfrentar a leitura de um texto médico, impresso em português, no século 18, agora acessível em formato digitalizado – com um OCR que pode ser melhor ou pior ou mesmo inexistente - tem me trazido aquela alegria dos aprendizados, do enfrentamento das condições adversas e da busca de soluções que

¹⁵ Veja o artigo da profa. Finatto, na Domínios de Lingu@gem, sobre o assunto em: <https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-69>. Veja, também, a seção por ela organizada sobre “Humanidades digitais e estudos históricos do léxico” em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/2259>

precisam ser de baixo custo e fáceis de reproduzir. Sim, de algum modo, você poderá pensar, sigo aquela minha herança do corte e costura e das reformas de roupas, mas agora buscando outras novas ferramentas de apoio para o estudo linguístico de textos médicos antigos.

No momento, tenho tentado entender como a linguagem e as terminologias médicas se estruturavam naquele português, especialmente no cenário dos textos impressos usados na formação profissional dos “práticos” da Saúde e das Curas no século 18. Esse caminho tenho percorrido, como sempre, com técnicas e ferramentas de Linguística Corpus (LC) e do Processamento da Linguagem Natural (PLN). Veja um exemplo de algo que estou estudando agora, com a aluna Rafaela Radünz Lazzari, que é bolsista de IC, aluna de Letras – Tradução do Alemão - na UFRGS, e com o prof. Leonardo Zilio, que é meu ex-aluno e um estudioso e investigador de Linguística Computacional do maior quilate. O exemplo: quando lidamos com textos médicos impressos em português no século 18, a normalização é a tarefa de converter as palavras para alguma forma padrão atual, uniformizando o vocabulário por meio da eliminação das variantes da escrita da época antiga. Modernizar a escrita de um texto como esse, embora pareça algo fácil, não é. Além disso, é um trabalho controverso, polêmico mesmo. Imagina o risco de você transcrever uma palavra de modo errado, trocar um SUMO por um FUMO, por exemplo. É um processo bastante complexo, lento e minucioso, que exige do pesquisador conhecimentos linguísticos, gramaticais e históricos muito específicos. Sem contar que é necessário todo um treinamento para que se depreendam padrões da escrita, de tipografia e impressão antigos. Como, no século 18, não havia padronização da escrita, encontram-se, em um mesmo texto, de um só autor, várias formas para uma mesma palavra, tais como AGOA, AGUA, ÁGOA para a forma atual ÁGUA, além de caracteres antigos como o S longo, a junção de palavras que hoje são separadas e a separação do que é junto, sem contar as abreviaturas e símbolos. Embora perca-se a forma original do texto, que fica preservada em arquivos originais e digitalizações, a normalização visa facilitar tanto a

leitura, quanto o processamento computacional do texto, aumentando o acesso ao conteúdo de materiais antigos, principalmente para quem não é especialista em Linguística, História do Português ou Filologia.

Frente a esses desafios, nosso trabalho mais atual tem envolvido encontrar um método para pré-normalizar, com apoio computacional, o texto de três obras médicas do século 18: *Observações Medicas e Doutrinarias* (1707), *Arte de Enfermeiros* (1741) e *Aviso à gente do mar* (1794). Iniciamos, eu o Zilio e a Rafaela, fazendo a normalização manual de alguns de capítulos de cada obra, construindo uma amostra de textos antigos e normalizados.

Uma amostra normalizada desses manuais médicos antigos está sendo pareada com as versões na ortografia antiga, em um *software* de memória de tradução gratuito chamado OmegaT¹⁶. Esse *software* OmegaT, friso, NÃO foi feito para esse fim, claro, e estamos, literalmente, improvisando uma alternativa de suporte – de baixo custo – para um problema pontual. O OmegaT não traduz automaticamente, ele ajuda um tradutor-pessoa-humana a trabalhar. Com ele, estamos adaptando funções, reciclando peças, e também aproveitando o tanto que outros já fizeram, claro, como o DHPB, o maravilhoso Dicionário Histórico do Português Brasileiro¹⁷. Com o pareamento dos textos antigos e normalizados, estamos supondo que será possível obter um glossário de padrões. Assim, alinhamos palavras na ortografia atual com as suas formas originais antigas, incluindo as variantes, o que ainda demandará uma série de verificações. Como resultado, queremos chegar a um método para ajudar a normalizar, de forma mais automatizada, o conteúdo escrito dessas obras médicas antigas em português.

Vai dar certo? Não temos uma ideia ainda, mas é mais um novo e promissor trecho do caminho que estamos marcando para quem quiser vir junto. Precisamos de

¹⁶ Disponível em: <https://omegat.org>

¹⁷ Disponível em <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb>

quem queira fazer a caminhada junto, especialmente de quem traga as suas discordâncias e modos de ver diferentes. E isso é o mais legal, não é mesmo? Mas veja que, nesse empreendimento da normalização semiautomática, há uma lógica tradução envolvida: você colocaria em uma ferramenta um texto na escrita antiga e ele sairia “traduzido” na sua versão pré-normalizada. Esse raciocínio, claro, vem da tradução automática e não é nada novo não.

MIY: A professora Rosa Virgínia Mattos distingue os conceitos para Linguística diacrônica da histórica, sendo que a primeira considera dados intralinguísticos e a segunda considera dados extralinguísticos ou sociais. Um dos temas de pesquisa que a professora orienta é sobre Terminologia Histórica e/ou Diacrônica. A professora vê distinção entre o Histórico e o Diacrônico no contexto da Terminologia? Se sim, quais seriam os limiares entre o histórico e o diacrônico?

MJBF: Sim, entendo e respeito essa oposição. A profa. Rosa Virgínia Mattos é um ícone da Linguística brasileira. Mas é uma dualidade que, conforme eu penso, tende a esbarrar entre um corte que se deseja bem delimitado, entre que é “o de dentro” e o “de fora” da língua. Voltamos a Saussure e às suas dicotomias, isso? Com Émile Benveniste e com o meu amigo, o prof. Valdir Flores, da UFRGS, eu aprendi que temos enunciado e enunciação e que isso está imbricado. Temos o sócio-histórico e o linguístico – e, nesse sentido, os colegas da História divergem ou enxergam pontos diversos dos pontos iluminados e explorados pelos linguistas. Um historiador verá aqueles meus textos médicos do século 18 de um modo muito diferente do que eu, como linguista, vejo. O gramático vê uma coisa, o filólogo outra, o lexicógrafo, outra. E isso é muito bom.

No ano passado, em 2022, organizamos, no Arquivo Público do RS (APERS), um evento que reuniu para pessoas que lidam com textos antigos, textos de diferentes tipos e com traços de “antiguidades” semelhantes. De um testamento ou uma certidão datilografadas em 1940 até processos judiciais manuscritos dos século 18 e 19. Também

tratamos de temas do Direito das pessoas e de grupos sociais frente ao acesso e salvaguarda de informações históricas em arquivos digitais. Parceria entre o APERS e o nosso PPG-LETRAS-UFRGS, mobilizamos mais de 300 pessoas em discussões e cursos em formato presencial e híbrido. O evento chamou-se “Linguística, História e Computação: dos acervos aos conhecimentos e vice-versa”¹⁸ – falamos dos desafios e das adversidades dos trabalhos e das pesquisas nas Humanidades, Ciências Sociais e Arquivologia e, especialmente, sobre a as Humanidades Digitais. Falamos de Linguística Histórica, Filologia, Estudos do Léxico e de Linguística Computacional.

Como você pode ver no *site* desse evento, os estudos e práticas em torno das chamadas “Humanidades Digitais” usam métodos e ferramentas de tecnologia digital. Com essas tecnologias, fazem extração, análise, sistematização e compartilhamento de dados e informações. Com textos digitalizados e tratados, ampliam-se os usos potenciais de documentos, acervos e de uma miríade de textos – incluindo acervos de imagens e sons. Com as Humanidades Digitais, estamos diante de um conceito polissêmico, que pode evocar tanto uma comunidade de práticas quanto um campo acadêmico, um conjunto de atividades interdisciplinares ou uma transdisciplina. E essa área vem mobilizando a atuação de profissionais de distintas áreas em instituições de memória, ensino e pesquisa em todo o mundo. Hoje temos uma Associação Brasileira de Humanidades Digitais. Linguistas são ainda uma parte bem pequena dessa comunidade.

Dado que as Humanidades, em geral, no nosso país, têm poucos recursos para pesquisas e trabalhos, que museus imperiais e museus e bibliotecas de Santas Casas pegam fogo ou são alagados, e que professores e técnicos dessas áreas ganham uma miséria, penso que não vale alimentar disputas de razão que podem levar a rupturas. Um item de disputa poderia ser, por exemplo, se o que temos feito, como linguistas, é estudo histórico, sem sermos historiadores, sócio-histórico ou diacrônico. E já vi

¹⁸ Disponível em: <https://sites.google.com/view/linguistic-histor-e-computacao/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>

linguistas menosprezando trabalhos de historiadores que se ocuparam, bravamente, também de língua...sem serem linguistas. Sejam as disputas conceituais ou outras, ainda que as diferenças de pontos de vista sempre mereçam debates qualificados, vale cuidado para não criar ou apenas alimentar nichos em disputa, um tipo de pesquisa se colocando como algo melhor do que o outro. A gente pode e deve discordar de entendimentos, e está tudo bem – como diria algum “coach”, mas a gente – especialmente em Ciências Humanas e Sociais, precisa somar para se fortalecer, respeitando as nossas diferenças e entendimentos, sempre. Afinal, a diversidade é a riqueza da tudo. Em Linguística/Letras e em Humanidades, precisamos lutar para apenas seguir existindo, para não fecharem nossos cursos e aulas e/ou “apenas” extinguirem disciplinas e linhas de pesquisa “pouco produtivas”. Só essa luta já é bastante coisa.

E digo a você, eu trabalho com os esses dois lados, da diacronia e da história dos textos médicos do século 18. Como a profa. Rosa Virgínia Mattos já apontava, diferencio os planos quando é importante fazer isso, mas chamo o nosso site de pesquisa de “Terminologia Histórica”¹⁹. Imagino que seja mais fácil de nos encontrar com esse nome. Nessa direção, ciente de todas as diferenças possíveis, nesse tipo de pesquisa, tenho um olhar imenso e profundamente respeitoso para a História e para a Filologia, uma especialidade que parece escapar à dualidade que você colocou.

Aliás, a Filologia é uma disciplina que foi sendo extinta dos nossos currículos dos cursos de graduação em Letras e Linguística. Isso ocorreu no Brasil e também em Portugal. Na minha faculdade, por exemplo, a Filologia integra o nome do meu departamento, no qual não se ensina mais esse tema. Alguns disseram que era algo ultrapassado, até porque já havia a Linguística Histórica, a decisão da extinção foi votada. E justificaram assim.

¹⁹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/textecc/terminologia>

Em tom implicante e até maldoso, ouvi dizer (sim, relato aqui uma fofoca mesmo), “por que ter e ensinar uma coisa dessas que nem Linguística seria? ou “Isso é uma coisa(!) que fica no meio do caminho da Literatura e da História”. “Acho, que essas disciplinas de Filologia deveriam ir para o curso de História”. Enfim, a Filologia, para alguns, parecia mais uma coisa estranha, algo como um rato que voava, e por isso, talvez, merecia e mereceu ser apagada de vários centros universitários.

Mas a Filologia segue bravamente. Você conhece os trabalhos da querida profa. Alícia Duhá Lose da UFBA? Encante-se com o que ela escreve, publica, estuda, pesquisa, ensina e preserva. Busque no Google. Veja os vídeos dos cursos dela. Ela junta pedaços, forma pessoas e reconstitui a História do Brasil e a história das pessoas pelos documentos e palavras e escritas. São traços e papéis que ela resgata, salva, emenda, cola, situa, transcreve e estuda em acervos; ela estuda acervos e não obras. E a profa. Alícia Lose trabalha com forte apoio computacional também, há muito tempo. Ela faz Filologia Digital e Filologia de raiz, Paleografia, Ecdótica, um mundo de coisas. Ela resgata o plano linguístico e o extralinguístico.

Não podemos viver sem esses conhecimentos, práticas e saberes. Eu preciso do que a profa. Alícia Duhá Lose e seus alunos fazem para conseguir estudar e entender um pouco melhor a história da linguagem médica escrita e publicada em português desde o século 18. O que ela faz importa muito, causa impacto, a despeito do que gestores acadêmicos ou até alguns linguistas pensem.

Temos que ficar muito atentos aos regramentos de valor que só se qualificam ou categorizam “no maravilhoso mundo da ciência Linguística”. Muita gente, na área de História, do Direito, da História da Medicina, da Epidemiologia, por exemplo, nunca ouviu falar de Linguística. Também por conta disso, das nossas disputas internas, nem vai ouvir, pois a gente mesmo sai se desmerecendo, não é mesmo? E, se é diacrônico ou sócio-histórico, linguístico ou histórico, etnoterminológico ou dialetológico, penso que pouco importará frente aos interesses de desmonte e desqualificação “da utilidade” das Ciências Humanas e Sociais. A discussão é válida,

mas é preciso respeitar as escolhas e perspectivas de cada um. Fui entendendo que quando a gente mesmo se divide fica mais fácil de (nos) governar. Unidos somos mais fortes frente a quem sempre busca apenas mercantilizar o nosso trabalho, nossos corpos, nossos saberes e conhecimentos.

MIY: A adesão de professores à ideia de ressignificação da prática pedagógica mediada pelas tecnologias sofreu um salto neste contexto de ensino remoto. A professora acredita que o ensino remoto e o híbrido contribuirão para que a LC seja uma metodologia recebida com maior naturalidade nos anos seguintes?

MJBF: Você me pergunta da LC, e nessa sigla eu ousou encaixar tanto a Linguística de *Corpus* quanto a Linguística Computacional. A Linguística Computacional é um ramo da Inteligência Artificial (IA), em Computação, que lida com o processamento automático das línguas. Atualmente, quando se menciona tecnologias e processamento da linguagem, logo se fala de IA, algo que ficou bem famoso e até temido. A IA algumas vezes aparece como sinônimo de ferramentas de reconhecimento e de geração de linguagem, ferramentas que imitam pessoas escrevendo ou falando, abastecidas por gigantescas bases de dados. Esses sistemas são capazes de produzir compilados de informações escritas sobre tudo e sobre todos.

Muita gente esquece que as bases de dados que abastecem essas IAs são e foram produzidas, há muito tempo, por nós mesmos. São usados, por exemplo, dados das nossas postagens em redes sociais e dados disponíveis associados, por exemplo, ao nome e endereço de trabalho de uma dada pessoa. Entre no Google, digite seu nome completo e veja o quanto sabemos de você. Veja dados gerados na internet, por ferramentas de busca e por diferentes empresas e órgãos públicos. É muito texto, é muito dado em forma de textos, de imagens e de sons. Nesse segmento de “modernidades da IA”, você pode, por exemplo, criar um perfil, escrito, dos traços de uma pessoa que imaginar. Coloque idade, onde a pessoa mora, o que faz, onde trabalha, se tem filhos, e peça para uma ferramenta dessas gerar uma “foto dessa

pessoa inventada”. Veja que, em um texto descritivo, as palavras vão dirigir a montagem e geração das features da “foto”. Enfim, hoje você pode converter palavras em imagens com um gerador de imagens estruturado com AI. Uma ferramenta desse tipo para fotos de pessoas, por exemplo, você pode experimentar com o Fotor²⁰. Mas, alerta, pois apenas o primeiro uso é grátis.

Nos bastidores dessa IA, que está causando um impacto enorme sobre como percebemos o trabalho de análise linguística, agora notado em larga escala, e vem ganhando repercussão, há toda uma história. A história dos *corpora*, da Estatística Linguística, da matemática do funcionamento das línguas, das técnicas de Linguística de *Corpus* e do surgimento do Processamento da Linguagem Natural (PLN), desde o *boom* da Tradução Automática, como uma área da IA, em Ciência da Computação, estabelecida após o final da II Guerra Mundial. Abandonada nos anos 70 e depois revitalizada.

Os estudos e trabalhos de PLN atualmente, via técnicas de IA, pelo *deep learning*, *word embeddings* e vetores de palavras, estão mais despregados de modelos de língua pontuais, os de pequena escala que conhecemos. *Corpora* de 1 milhão de palavras, por exemplo, tornaram-se acervos bem minúsculos. Afinal, o trabalho de PLN hoje usa como insumo dados linguísticos de dimensões gigantescas, trazendo-nos os LLM – *Large Language Models*. Assim, a Linguística Computacional – que para mim é um sinônimo de PLN, foi se diferenciando daquela já “antiga” AMD – a Análise Multidimensional - da Linguística de *Corpus* e ultrapassou os, então, gigantes *corpora* manualmente anotados com o auxílio de linguistas. Mas, a despeito disso, a face linguística do PLN segue vital e indispensável. Os melhores projetos, os mais eficientes, contam com linguistas. Digo isso porque tenho coorientado dissertações, teses e até TCCs em Ciência da Computação, colaborado com trabalhos que exploram os novos desafios do PLN nesses “novos-velhos” tempos de IA.

²⁰ Disponível em: www.fotor.com

Como já mencionei em outra questão, um grupo de colegas queridas – linguistas, cientistas da Computação, matemáticas, lógicas e engenheiras – lançou, em setembro de 2023, um livro de acesso gratuito, em português, sobre várias dessas questões sobre o PLN. As organizadoras e as autoras dos mais de 20 capítulos desse livro integram o grupo que se chama “Brasileiras em PLN” (BPLN)²¹. O BPLN é um grupo que reúne mulheres – das mais meninas às mais “vovós”, pessoas que têm trabalhado com o processamento do português. Somos mais de 100 brasileiras, com as mais diversas formações e experiências. Penso que temos feito um pouco da história do PLN entre nós e que essa história precisa ser registrada e reconhecida.

Eu como a maioria dessas mulheres, como já mostrava o excelente e cuidado livro de Linguística Computacional da minha amiga Cláudia Freitas²², lançado em 2022, também acessei esse mundo pela mão da Linguística Descritiva, Estudos do Léxico e, principalmente, pela Linguística de *Corpus*. Cheguei ao PLN, em 2001, pela crença nos *corpora* como testemunhos válidos de diferentes estados de línguas e culturas. Depois, com a Linguística de *Corpus*, eu cheguei à Filologia Digital, às Humanidades Digitais e reencontrei a Terminologia Histórica ou Diacrônica. Lá atrás, nos anos 2000, posso lembrar da Maria José lendo, encantada, os artigos da profa. Lúcia Rino, do NILC e da Computação UFSCar, sobre sumarização automática de textos em português. Fiquei maravilhada com o que eu poderia fazer tendo apenas um computador e acesso à internet, e fui juntando aquilo com os textos e orientações da saudosa e inigualável profa. Maria Tereza Biderman, que juntei aos textos e *corpora* do meu amigo Tony Berber Sardinha, quem trouxe a LC em português, para a gente, em 2004, com o seu livro-manual.

O nosso livro das Brasileiras em PLN, como disse, é de acesso aberto e gratuito e reúne linguistas e cientistas da computação. Ele visa marcar um espaço de produção de conhecimento – novamente, na minha vida, uma obra básica, tematicamente ampla,

²¹ Disponível em: <https://brasileiraspln.com>

²² Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/linguistica-computacional-les-13>

em português, sobre uma “novidade”. Mais um convite-marca para você me acompanhar na estrada.

Como resultado da pandemia, aprendemos a usar o ensino remoto, ressignificamos o valor da EAD e vimos o tanto que havia além e embaixo daquilo tudo. Aulas pelo computador, via internet, muitos apenas com celular, ramos para aprender a usar toda uma parafernália e sobrevivemos. A aula presencial é indispensável e inigualável, mas, como efeito das aprendizagens e necessidades, as atividades *on-line* agora fazem parte para sempre do dia a dia. Elas, conforme eu penso, ampliam os horizontes das perguntas que podemos fazer. Mas o encontro ao vivo, olho no olho, segue insubstituível.

A tecnologia, qualquer uma, incluindo o ChatGPT, como um dia já foram tecnologias inovadoras as facas, mudam as nossas atitudes frente a realidade, problemas e a ações. Mudam a gente para sempre. E a mudança poder ser boa, ruim ou alternar as duas coisas, ou nenhuma delas. Nesse exemplo prosaico das facas, a culpa do que uma faca metálica, como uma inovação tecnológica humana, pôde fazer não está ferramenta. O que existir de mal ou de bem, por exemplo, associado a uma faca, vem sempre da mão, da mente, dos propósitos e dos interesses das pessoas que colocam a faca em uso. Vamos supor que, por meio dela, chegou-se a um bisturi eletrônico igualmente “maravilhoso”. Mas facas, bem sabemos, também podem servir, ainda hoje, somente para matar, não é mesmo? Aliás, FACA é palavra, recorrentemente implicada, por exemplo, nos textos de notícias sobre feminicídios, no Brasil, hoje, agora.

Essa é uma metáfora minha para as tecnologias que você menciona. Os efeitos dos usos das tecnologias – sejam elas supernovas ou super velhas - não podem ser banalizados ou sublimados no que podem vir a ser. E as pessoas têm que aprender a serem críticas, atentas e cuidadosas em relação às “novas” tecnologias. Nem tudo que é velho merece o lixo, só por causa de uma novidade brilhante. Por que descartar tudo? Aliás, por que há coisas, como smartphones, programas e sistemas operacionais de

computador, que ficam velhos tão depressa, param de funcionar e te obrigam, sempre, a comprar algo novo? Afinal, quais interesses e valores essas ferramentas e suas descartabilidades nos mostram?

MIY: Tendo atuado no ensino público superior na área de Letras por várias décadas, e sendo uma referência em produtividade acadêmica, como a professora vê ou avalia a mudança do perfil do aluno de Letras no Brasil de ontem e este perfil no Brasil de hoje, no que tange à acessibilidade à pesquisa e à identidade profissional? Qual conselho a professora daria aos profissionais de Letras que almejam o perfil acadêmico?

MJBF: Esta sua pergunta me inspira muito. Me faz pensar na aluna de Letras que eu fui nos anos 80 e 90, e nos alunos e alunas que temos hoje nesses cursos. Nos alunos e alunas que tive em faculdades de Letras, na graduação, desde os anos de 1990 até 2019. E também me faz lembrar do meu PRIMEIRO artigo publicado, em 1994²³. Tentei achar o *link* para esse texto antigo digitalizado, mas não encontrei. Naquela época, a nossa revista científica de Letras era apenas impressa.

Naquele meu artigo de estreia no cenário acadêmico, eu tinha acabado o meu mestrado, que foi em 1993. Nesse texto eu queria discutir a noção de texto e o encaminhamento dos cursos de graduação em Letras no Brasil. Estando no mestrado, que cursei com meus antigos colegas da graduação, eu olhava criticamente para formação que eu tinha recebido no meu curso de Letras. Naquela época, a Linguística do Texto, como algo diferenciado, marcava seu espaço frente ao Gerativismo e aos estudos de Gramática Descritiva e, especialmente, a Gramática Normativa. Buscávamos, com o querido mestre e Prof. Celso Pedro Luft, ele mesmo um “novo” gramático, uma visão crítica daqueles manuais tradicionais de Gramática e da Linguística. As escolas começavam a exigir aulas de redação, fora das aulas de

²³ FINATTO, M. J. B. Sobre a noção de textos e o encaminhamento dos cursos de graduação em Letras. **Cadernos do IL** (UFRGS), Porto Alegre, n.11, p. 69-79, 1994.

gramática e de análise sintática. E falava-se sobre ensino de escrita e de leitura, com as ideias da saudosa Magda Soares e do genial Paulo Freire nos assombrando no melhor sentido da palavra assombração. Mário Perini, João Wanderley Geraldi, os conceitos de coesão e coerência nos encantavam junto com as ideias de Letramento de Mary Kato.

Conforme eu percebia, saíamos “apenas” das palavras isoladas e das aulas de morfologia, deveríamos parar de enfatizar somente classes de palavras, a discussão da vogal temática e a sintaxe. Afinal, o todo do texto e a noção de discursos eram novos espaços a explorar. Naquele artigo, eu já dizia, de algum modo, que, além do que era dito, os modos de dizer e todo um cenário de ouvir e escutar também deveriam interessar à Linguística e à formação dos profissionais de Letras. Incluindo a formação de professores e de tradutores, como de quem lidava com Lexicografia e Lexicologia.

Hoje, olhando para as pessoas que temos nos cursos de Letras do Brasil, principalmente focados na formação de professores de línguas e literaturas – sem esquecer dos bacharelados em Linguística e em Tradução, penso que a grande diferença se faz quando essas pessoas entendem o que estudamos e para o que esse estudo serve. Não no sentido SERVIL de servir, de ter utilidade, de servir a um senhor.

Penso que há uma grande utilidade na nossa formação em Letras e Linguística. Essa utilidade é a de, pelo entendimento aprofundado da natureza das palavras (e das pessoas que as usam), ajudar a produzir “buracos” nas estruturas e narrativas dadas como prontas e postas. Quando lidamos, profundamente, com as línguas – como com o nosso português do Brasil, com o português multicêntrico dos demais países que compõem a lusofonia - com as línguas dos povos originários – devastadas, com uma língua visuoespacial como Libras, com as línguas estrangeiras e com os exercícios e os poderes da linguagem como um todo, nós, “das Letras”, podemos ajudar a perguntar, a duvidar, a pensar, a perceber sobre o poder das palavras e sobre os poderes das pessoas que as enunciam. Nesse cenário, se não podemos mudar o mundo, podemos

balançá-lo um pouco. E, nesse balançar, vale mostrar que a língua serve, fundamentalmente, para viver. Somos a língua e nos movemos por ela.

Por que você usa tal palavra e não outra? Por que você usa frases complexas quando sabe que a pessoa, com quem dialoga, não vai entender nada? Por que você obriga uma autoridade dos povos originários do Brasil, para quem o português não é uma língua “fácil”, a se manifestar em português capenga, pouco compreensível, em um evento nacional, e não simplesmente coloca legendas para a sua fala? Que tal fornecer a esse líder indígena um tradutor-intérprete? Se, em vez do Davi Kopenawa Yanomami ali falando, fosse um líder sueco, haveria tradutores e legendas, sim ou não? Por que você não explica, de um modo fácil, para o seu paciente na UBS, no SUS, o que quer dizer ENURESE? Por que o estilo bacharelesco persiste, mesmo em informes jurídicos que, por lei, quando dirigidos ao cidadão comum, aquele que vai a um Tribunal de Pequenas Causas (chamados de JECS), deveriam ser escritos de modo mais acessível? Por que há tantas disputas em torno de conceitos e significados? Desde quando REMÉDIO virou MEDICAMENTO? Por que ROCHA não é mesmo do que PEDRA? Por que não devo mais usar a palavra DENEGRIR? De onde vêm as palavras que usamos e aquelas palavras “novas” que criamos todos os dias? Quantas vezes você já escreveu uma palavra como DISCÓRDIA desde que aprendeu a ler?

Coisas desses tipos, perguntas, provocações são ventos que ajudam a mover os moinhos, não é mesmo? Fazem o ar se mover e balançam. Pensar sobre isso, sobre todas essas perguntas e em como seriam as respostas, especialmente aquelas respostas construídas em corpos de saber e de conhecimento em trajetórias históricas, é a magia que me move a aprender sempre, nos livros e com as pessoas. Muito desse encantamento eu devo aos Estudos da Linguagem e às pessoas que fui conseguindo trazer para me ajudar a enxergar e a sentir as estradas a percorrer. Acho que os cursos de Letras do Brasil podem e devem ajudar a criar pessoas com essas vontades de movimentar o que está posto e pouco tende a se mexer.

MIY: Há alguns anos, enquanto caminhava pelos corredores da Pedagogia na UFU, li um artigo de jornal que falava sobre os conceitos de *workaholic* e *worklover*. No primeiro, o profissional vivia para trabalhar sem conseguir manter uma vida social profícua. Já no segundo, o profissional trabalhava intensamente, mas conseguia manter uma vida profícua, tanto acadêmica quanto pessoalmente. A professora transpõe pertencer ao segundo perfil. Como a professora conseguiu desenvolver este perfil tão bem alinhado entre profissão e qualidade de vida? Como alguém poderia chegar lá?

MJBF: Realmente, eu sou do tipo que ama muito o trabalho que faz. Como eu disse, eu não me canso de querer aprender, todos os dias, alguma coisa. E isso pode ser um perigo, principalmente se você não se dá conta do que tem que priorizar. Eu tenho essa coisa da estética do trabalho bem-feito e honesto, algo meio proletário subjugado mesmo. É aquele ideário de “quanto mais você trabalha, mais você vale”. E esse pensamento é horrível. Acho que eu me ocupo desse modo um tanto intenso também em busca de criar orgulho nos meus familiares mais queridos, especialmente nos meus filhos, marido e meu neto.

Mas querer aprender é algo que me move a FAZER alguma coisa com o aprendido, sempre. Isso me fez movimentar a mim e os outros sempre. Minha mãe dizia que eu, quando era criança, estava sempre “inventando moda”. Mas a gente tem que ficar alerta para os exageros, pois cada escolha é sempre uma renúncia. A gente precisa ter direito a não fazer nada, quando quiser e puder.

No mundo do trabalho acadêmico, no qual você é uma “mão de obra intelectual”, também se vê a exploração das pessoas. Um pesquisador, principalmente em Humanidades, tem que mostrar muito, fazer muito, publicar muito. Há uma pressão por quantidades de produção, por artigos publicados e por número de alunos orientados. É como se a gente tivesse que se justificar sempre como trabalhador-cientista em Letras, Linguística, História, Artes e Educação. Em meio a isso, é preciso

e é vital saber preservar o seu direito ao Lazer, à Arte, o seu direito de apenas olhar as folhas e a chuva.

Faz quatro anos que me aposentei por tempo de serviço, mas sigo atuando como colaboradora convidada, com dedicação exclusiva à pesquisa e à docência de pós-graduação na UFRGS. Eu ainda oriento alunos de Iniciação Científica. Pode ser um clichê, mas eu amo a Universidade Pública, gratuita e de qualidade, e tudo o que ela representa e representou na minha vida e na vida da minha família. Enquanto for conveniente e positivo, quero seguir colaborando com a formação de recursos humanos para pesquisa inter e multidisciplinar.

Mas, este ano, quando completo 60 anos de idade, quero escolher mais e melhor as coisas e pessoas das quais eu me ocupo. Preciso cuidar mais e melhor do meu marido e da minha casa. Investir mais em qualidade de vida. Tenho um neto de 3 anos, uma nora e um genro queridos, uma mãe que precisa de atenção. Naturalmente, a gente poderia conversar sobre o seu e o meu entendimento de qualidade de vida. Para mim, ter qualidade de vida é ter saúde, conseguir dormir bem, praticar alguma atividade física, ter amor e amigos verdadeiros em volta, fazer coisas que eu acho bacanas, acreditando que a Humanidade é possível. É aquele bom e velho esperar do Paulo Freire. Era isso. Muito obrigada por esta oportunidade de contar sobre as minhas estradas.